



## AFETIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DE REGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Agda Cassia Mulato Venancio<sup>1</sup>  
Giullia Cristina Mulato Venancio<sup>2</sup>  
José Carlos de Melo<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo surge como resultado de uma pesquisa de campo e bibliográfica realizada por meio do Grupo de Estudos e Pesquisas, Educação Infância & Docência - GEPEID da Universidade Federal do Maranhão. Após algumas investigações, pudemos observar a dualidade de sentimentos que circundam os espaços da Educação Infantil, entre uma relação afetiva de amor/medo, ao mesmo tempo em que a educadora se apresenta como uma pessoa íntima e considerada “da família” sendo empregado o termo tia para representá-la, a autoridade se impõe sendo docente também a figura a qual a criança deve obedecer por meio das regras estabelecidas. Considerando esses aspectos, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre a relação entre o/a educador(a) da Educação Infantil e as crianças, discutindo a afetividade e a autoridade docente frente às regras presentes nos espaços da EI.

**Palavras-chave:** Afetividade, Regras, Educação Infantil.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir de experiências e observações vividas por meio de investigações vivenciadas em uma turma de Educação Infantil, analisando reflexões que emergiram ao longo do processo de investigação em campo.

Após algumas investigações acompanhando a rotina de uma turma do maternal de uma escola de educação infantil da rede municipal de São Luís, buscando investigar e nos apropriarmos dos elementos que constituem a gestão do trabalho docente em sala de aula, nos

---

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação Infância & Docência da UFMA (GEPEID/UFMA), [cassia\\_giovannamulatto@hotmail.com](mailto:cassia_giovannamulatto@hotmail.com);

<sup>2</sup> Especialista em Educação Infantil e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Intervale (2019). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão– UFMA (2018). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação Infância & Docência da UFMA (GEPEID/UFMA). Atualmente é Professora da Educação Básica vinculada a Secretaria Municipal de Educação de São Jose de Ribamar, [giulliamulato@hotmail.com](mailto:giulliamulato@hotmail.com);

<sup>3</sup>Pós-doutor em Educação pela Universidade Católica de Santos – UNISANTOS. Atualmente, é docente associado do departamento de Educação II na UFMA, docente do Programa de Pós Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB, é professor Adjunto IV na UFMA. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infância & Docência (GEPEID/UFMA). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e História da UNISANTOS. Atualmente Coordena o curso de Especialização em Metodologia do ensino Superior – CEMES, [mrzeca@terra.com.br](mailto:mrzeca@terra.com.br);



propomos a investigar sua prática e nos desdobrarmos em construir um artigo a partir das impressões da turma e de embasamento teórico.

Ao longo das observações pudemos analisar os espaços da EI em questão que na relação professor-aluno há presença de vínculos afetivos no processo de aquisição de conhecimentos a qual também podem ser regidos pela autoridade exercida pelo professor através das regras estabelecidas em sala.

Para tanto nos embasaremos em grandes teóricos que ao longo de seus trabalhos vêm discutindo sobre as problemáticas expostas no artigo, tais como, Wallon, Piaget, Paulo Freire, dentre outros.

O artigo tem por objetivo levar docentes da Educação Infantil a refletir sobre a importância dos vínculos afetivos presentes em seu espaço de atual na EI, bem como a relação estabelecida entre estes vínculos e a forma pela qual o/a educador (a) exerce sua autoridade frente aos seus discentes.

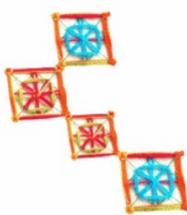
A discussão em questão é de grande relevância, pois a afetividade está diretamente relacionada à construção de conhecimentos e a autoridade se faz presente à medida que sua convivência é organizada por meio de regras. Faz-se então necessário que o/a educador (a) da educação infantil compreenda que sua relação com a criança vai muito além da questão cognitiva, sendo composta por fatores sentimentais, psicológicos e sociais.

O artigo está dividido em dois tópicos: inicialmente discutiremos sobre a presença da afetividade na relação educador educando na Educação Infantil, em seguida nos aprofundaremos na distinção da autoridade e do autoritarismo na postura do docente diante das regras a serem seguidas tanto pelo professor (a) quanto por seus alunos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é fruto de investigação e revisão de literatura sobre as temáticas afetividade e autoridade envolvendo a prática docente e a relação professor-aluno. Para o desenvolvimendo das discussões foram necessários observação participante e a partir das análises foram realizadas pesquisas e discussões acerca das temáticas propostas.

Como forma de produção e socialização de conhecimentos no fazer pedagógico foi necessária uma revisão bibliográfica sobre os temas em questão para a apropriação de novos conhecimentos, utilizando-se autores/as como: tais como Wallon (1968), Freire (1989), La Taille (1999), dentre outros/as.



Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é:

[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p.44).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A afetividade está presente durante toda a nossa vida e em todas as áreas que pudermos imaginar, mesmo que inconscientemente não podemos negar que diariamente nossas ações são influenciadas por nossos sentimentos, na escola não seria diferente, um ambiente construído por pessoas, que ao longo de seu convívio estabelecem relações afetivas que influenciam significativamente no processo de aprendizagem.

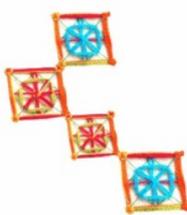
Segundo Dantas (1992) a consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica, correspondendo a sua primeira manifestação e sendo a síntese entre o orgânico e o social. As ações do professor influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, percebemos então a importância da afetividade no contexto escolar, e a relação que estabelece com o conhecimento.

Os sentimentos vivenciados em sala, decorrentes das relações estabelecidas, além de permear toda a relação entre professor/a e aluno/a, estão presentes nas decisões pedagógicas entre o sujeito e o objeto de conhecimento, influenciando na tomada de decisões ao longo do processo de aprendizagem (MELO, 2012). Exemplo disto é quando um/a professor/a, por manter maior vínculo afetivo com seus alunos/as, busca agradá-los/as e propiciar atividades/experiências que sejam prazerosas para as crianças ou quando, pelo contrário, o/a professor/a, por desobediência ou indisciplina da turma, retira delas algo que desejem muito: o recreio, o parquinho, um passeio, dentre outros.

Ao recorrermos ao caderno de orientações curriculares para a educação infantil do município de São Luís (2012) observamos que o mesmo também ressalta a importância da afetividade no processo de mediação do processo de aprendizagem enfatizando que:

O professor é o principal mediador do processo, estabelecendo vínculos afetivos com os alunos e entre eles [...]. Há de se reconhecer que as interações entre docentes e alunos não se limitam apenas aos aspectos cognitivos, mas são impregnadas na afetividade.

A relação professor-aluno se torna tão intensa e afetiva que é empregado o termo “tia” para representá-la, pois ninguém melhor do que a “tia”, que não está relacionada à figura



terrível da professora, pois a tia é boazinha, associando a outro membro da família para amenizar o choque da separação da mãe (ARCER, 2001).

Os sentimentos presentes em sala também podem influenciar na tomada de decisões ao longo do processo de aprendizagem, além de permear toda a relação entre professor e aluno, está presente nas decisões pedagógicas entre o sujeito e o objeto de conhecimento (MELO, 2012). Exemplo disto é quando um professor por manter maior vínculo afetivo com seus alunos busca agradá-los e propiciar atividades/experiências que sejam prazerosas para as crianças, ou quando pelo contrário, o professor por desobediência ou indisciplina da turma retira deles algo que eles desejem muito (ex: o recreio, o parquinho, um passeio, etc.).

Durante as observações, pudemos presenciar várias manifestações de afetividade entre a professora e seus alunos, os abraços calorosos, a angústia na chegada a sala em não encontrar a professora, dentre outros. Segundo Wallon (1968) a afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida.

Devemos valorizar a relação professor-aluno principalmente na transferência de sentimentos afetivos, na qual a criança passa a reproduzir sentimentos que sente por seus pais ou familiares para o seu professor, tendo o professor nesse momento a missão de estabelecer determinados limites exercendo adequadamente sua autoridade pedagógica independentemente do sentimento ser de amor ou ódio, tendo priorização no trabalho intelectual com os alunos (MORGADO, apud Piletti, 2001, p.62).

Sendo assim, se as transferências de afetos forem bem compreendidas, poderá facilitar o atendimento a certas manifestações, quando esse aluno trata o professor como centro de amor, idealização, ódio, orgulho e inveja (SILVA, 2008).

A grande questão que levantamos aqui é como o professor que cria vínculos afetivos com seus alunos poderá mediar sua relação para que não se descumpra sua ética no dever do professor no exercício de sua autoridade frente às regras impostas socialmente (FREIRE, 1996).

### **Autoridade ou autoritarismo?**

A Educação Infantil dentre outras funções, busca desenvolver na criança a autonomia e a interação social com outras pessoas além da família. Da relação diária entre professor-aluno observa-se que professor e crianças ocupam lugares distintos no que refere à autoridade.



O professor exerce a autoridade sobre aquele que aprende (LA TAILLE, 1999). Como definição do termo, segundo Arendt (1972/2001) a autoridade é tudo que faz com que as pessoas obedeçam. No entanto a autoridade como forma de conduzir e manter a ordem na sala requer alguns aspectos de reflexões considerando a criança como um ser singular no processo de aprendizagem.

A autoridade sendo um produto da relação professor-aluno não é de toda errada e sim necessária, porém realizada de forma eficaz, conduz o discente a se disciplinar, sendo esse então capaz de adequar seu comportamento a determinadas regras, definidas por ele ou não (FREIRE, 1989).

Por outro lado a posição do professor nesta convivência muitas vezes é erroneamente interpretada como autoritária distinguindo-se pelo sentido de poder coercitivo. A autoridade é vista como um atributo pejorativo o que remete a exemplificar o autoritarismo na educação infantil as diversas maneiras de impor o comportamento desejado pelo grito, o olhar altivo, o segurar a criança diante de uma negação de ordem. É bem óbvio que as pessoas como cidadãos queiram ser tratadas de maneira gentil, respeitosa e educadas e porque então com a criança seria diferente? Basta um “passo em falso” e a doce voz se rompe pelo tom de ameaça e o segurar pelos braços não mais como acalento do abraço da chegada, mas forçosamente a sentar na cadeira. A obediência agora é atendida não pelo respeito, afeto e confiança no educador, o que vem a prevalecer é o medo.

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos [...]. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la [...] (LIBÂNEO, 1994, p. 251).

A distinção entre autoridade e autoritarismo reflete justamente no poder exercido pelo educador, doravante a reação de cada um. Yves de La Taille (2005) expõe importantes contribuições acerca das diferenças entre ambos, na sua concepção define que a autoridade é uma relação de obediência voluntária, parafraseando o autor, o autoritarismo não permite a liberdade do indivíduo. Nessa contradição a autoridade não é imposta e nem pode vir acompanhada de arrogância, ameaças e força. Este teórico ainda vai dizer que é justamente porque uma pessoa não é autoridade que precisa usar a força. Caso ele utilize sua força para fazer valer suas próprias vontades, não estará exercendo sua autoridade, e sim sendo tirânico, despótico, autoritário (FRANCISCO, 1999:108).

É natural a criança ter medo do adulto visto que este é maior, de certa forma se torna mais fácil exercer a coação diante de uma criança por estar sujeita a submissão.

A relação de autoridade na criança pequena é uma fusão de medo e amor, medo e apego. O que é medo? Eu estou me referindo ao sentimento natural que o mais fraco tem pelo mais forte, que o menor tem pelo maior. Não estou me referindo ao sentimento de medo decorrente de alguma violência. O medo é o sentimento natural que o menor tem pelo maior. E o adulto representa esse maior para a criança pequena. Mas se for só isso, é medo, e voltamos à questão do poder. (LA TAILLE, 2005, p.2).

A autoridade também é conquistada através da relação positiva com o adulto:

Mas também depende de uma relação de apego, de amor, de sentimento positivo. É porque a criança gosta, ama, admira e vê aquela pessoa de alguma forma 'boa'. É por isso inclusive que os pais são praticamente insubstituíveis na primeira infância enquanto figuras de autoridade. Mas os educadores podem perfeitamente ocupar esse lugar. Só que ele não é dado. Ele é construído na relação. (LA TAILLE, 2005, p.2).

Podemos perceber que há dois tipos de autoridade: a autoritária, vinculada ao uso da força ou violência, e a pôr competência, que parte de uma admiração nutrida pelos subordinados devido ao seu prestígio e à sua capacidade (ARAÚJO, 1999, p. 41).

Quando a criança tem o respeito, admiração pelo professor (a) ela responde de maneira favorável ao líder, além do mais a atuação do educador é fundamental para a formação moral das crianças. Se o professor grita com a criança está implicitamente ensinando que as situações se resolvem pelo grito.

Diante disso é essencial a reflexão sobre o significado real da prática docente no uso da autoridade na Educação Infantil. Essa forma de relação de poder coercitivo exercido na sala influi na afetividade dando lugar ao medo, ressaltando que essa relação pode afetar no processo de ensino e aprendizagem. O papel do professor na educação infantil é justamente ser mediador da aprendizagem e como tal é preciso exercer a autoridade entrelaçada a autonomia propiciando a construção de sujeitos autônomos.

Paulo Freire (1997) diz que o ideal é ser um professor democrático em sala de aula, que saiba dosar sua autoridade e ao mesmo tempo dar liberdade para que os alunos se desenvolvam em um clima que propiciem o direito e o respeito mútuo, que dê condições a se prosseguir na prática do ensinar. Ter e dar liberdade é uma questão de amadurecimento profissional.

### **As regras de convivência na construção da autoridade**

A autoridade tem uma função imprescindível na relação professor aluno, como já exposto, a autoridade é um espaço a ser conquistado pelo educador e como recurso nessa interação intrinsecamente ligada a autoridade democrática se faz necessários as regras estabelecidas pelo professor que não sejam autoritárias, mas que são negociadas e cumpridas pelos alunos.



As regras adotadas pelo docente advento da autoridade que é adquirida devem ser aceitas pelo discente e não imposta, estando vinculada ao papel do líder que as expõem com o direito de ser dialogada com os participantes do processo para sim, ser aceita. (MORAIS, 2001).

Segundo Piaget ( *apud* LA TAILLE, 1999) a evolução da prática e da consciência da regra pode ser dividida em três etapas, sendo a presente a na educação infantil denominada de anomia, em que crianças de até cinco, seis anos de idade, não seguem regras coletivas, sendo as mesmas seguidas pelo hábito e não por uma consciência do que se é certo ou errado.

Neste sentido, a autonomia de pensamento e ação - objetivo final da educação - é fruto da internalização de deveres e regras que, constitutivas de uma sociedade mais ampla, são vivenciadas diariamente no processo pedagógico, por intermédio da autoridade docente. (DAVIS e LUNA, 1991:69).

É certo que as crianças passam um tempo considerável na creche ou escola, tendo em vista a convivência com os demais precisam colaborar no cumprimento de regras de convivência. Mas o que seriam as regras? Segundo Piaget (1994), a moral constitui-se de um sistema de regras elaboradas pela própria sociedade com a finalidade de reger a conduta da coletividade.

Por sua vez (LA TAILLE, 2005) expõe essa moral como um conjunto de regras e princípios cuja obediência é obrigatória. Não é obrigação de obedecer a alguém, mas obrigação de obedecer a uma ideia. Sendo a regra uma formulação verbal que me diz com precisão o que devo e não devo fazer. Exemplo: não matar. Não tem ambiguidade nesta formulação porque é clara, precisa, nítida.

Segundo Piaget ( *apud* FERREIRA, 2009), o respeito unilateral é misto de amor e temor, sendo um instrumento de submissão a regras pré-estabelecidas e a regras cuja origem permanece exterior ao sujeito que as aceita. A obediência a regra simultâneo ao temor que a criança sente, regido pelo respeito unilateral, consiste em uma relação desigual, havendo da parte 'mais fraca' o medo de receber uma punição, censura, desaprovação, perda do amor do adulto, etc.

A escola então seria auxiliar na preparação para a cidadania e o estabelecimento de limites (FERREIRA, 2009), sendo importante neste processo, porém, não sendo suficiente o estabelecimento de limites, imposição de regras prontas, mas necessário, levar o aluno a reflexão sobre as regras e limites a serem seguidos, estabelecendo um ambiente composto por relações de respeito mútuo.



Entretanto, se eficaz, a autoridade leva o aluno a se disciplinar, sendo esse então capaz de adequar seu comportamento a determinadas regras, estabelecidas por ele ou não, de modo a conseguir a organização necessária da ação para que resultados sejam atingidos (FREIRE, 1989).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste artigo permitiram-nos aprofundar os conhecimentos sobre a importância da gestão do trabalho docente na educação infantil e como o mesmo influencia diretamente na aquisição de conhecimentos dos alunos.

Podemos refletir a dimensão das relações entre educador-educando no campo afetivo influenciando a tomada de decisões na qual o professor poderá assumir sua postura de autoridade ou autoritária frente às normas e regras que ambos deverão cumprir. É de salientar que estas relações estão presentes no cotidiano destes, e que suas ações são influenciadas pelos sentimentos afetivos que ambos sentem um pelo outro, podendo ser de amor/medo.

O professor (a) deve assegurar sua autoridade diante da turma, porém deve sempre buscar a mediação e a participação dos infantes na construção das normas a serem seguidas em sala, ponderando para que os vínculos afetivos não façam com que o mesmo perca sua ética.

Questões como estas nos levam a acreditar que um dia, professores assumirão sua postura de educadores priorizando não apenas o cognitivo, compreendendo seus alunos como sujeitos socialmente construídos, e a escola não apenas como um ambiente educacional formal, porém um espaço que oportuniza as crianças novas experiências, construindo pessoas críticas e autônomas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. de. Respeito e Autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. (org). **Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999, p.31-48.

ARCE, Alessandra. **Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil**. Caderno de pesquisa, n 113. P. 167-184, julho/2001.

ARENDRT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. 5<sup>a</sup> edição. São Paulo: Perspectiva, 1972/2001.



BRASIL. **Caderno de orientações curriculares para a educação infantil.** Secretaria municipal de educação. São Luís: 2012.

DANTAS, Heloysa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.; DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. **PIAGET, VYGOTSKY E WALLON: Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98.

DE LA TAILLE, Y. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.G. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas** São Paulo: Summus Editorial, 1999.

FRANCISCO, M.F.S. Autoridade e contrato pedagógico em Rousseau. In: AQUINO, J.G. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas.** São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 181-192.

FREIRE, P. e outros. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo.** São Paulo: EPU, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LA TAILLE, Y.; SILVA, N. P.; JUSTO, J. S. **Indisciplina, disciplina: ética, moral e ação do professor.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

MELO, Fabíola Cristina. **A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores no Ensino Médio – reflexões pontuais.** Evidência, Araxá, v. 8, n. 8, p. 143-156, 2012.

MELO, Fabíola Cristina. **A afetividade na sala de aula e a atuação dos professores no Ensino Médio – reflexões pontuais.** Evidência, Araxá, v. 8, n. 8, p. 143-156, 2012.

**Nova Escola.** Yves de La Taille e Telma Vinha explicam a diferença entre autoridade e autoritarismo. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/video-yves-la-taille-telma-vinha-explicam-diferenca-autoridade-autoritarismo-760115.shtml>>. Acesso em 04 jul. 2020.

PILETTI, Nelson. ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Marilete Geralda da. **Psicologia Educacional.** São Luís: UFMA/NEAD, 2008.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.